**ESTÁGIO SUPERVISIONADO E IDENTIDADE DOCENTE: SOBRE SOLIDARIEDADE E  CONVIVÊNCIA NAS INFÂNCIAS**

Vanessa Carvalho da Silva

Graduanda em Pedagogia - UNIRIO

Resumo

A ideia do presente resumo, partiu das observações no ambiente escolar das escolas públicas onde fiz estágios e a partir das inúmeras reflexões que nós, alunos da graduação, temos sobre como podemos atuar para a melhoria da educação. Tais reflexões são advindas de toda minha formação como aluna da escola pública, professora, mãe e agora graduanda, e podemos enquanto sociedade perceber muitas mudanças na forma como professores e alunos se relacionam. O ambiente escolar aos quais muitos foram introduzidos, era que o professor tinha o poder de fala, era o detentor do conhecimento e ao aluno restava a opção de aceitar o que lhe foi imposto. Apesar das muitas mudanças, percebemos a tentativa de alguns profissionais da educação, em perpetuar tais comportamentos, onde apenas o professor merece respeito e o tratamento direcionado aos alunos nem sempre acontece conforme deveria ser em ambiente escolar e fora dele.

Palavras- Chaves: Comunicação; Docência;  Discência; Ética.

Este trabalho versa sobre as questões de comunicação não-violenta, compromisso ético-político e questões que emergem do estágio supervisionado na educação infantil e ensino fundamental.  Atualmente muito se fala a respeito de como melhorar a educação e principalmente em uma educação pública de qualidade. Para isso, são traçadas algumas metas, planos, planejamentos e referências como a BNCC. A mesma, incentiva a formação de alunos críticos e reflexivos sobre suas perspectivas a respeito de assuntos diversos. Para que isto ocorra de modo saudável, o professor deve se munir de ferramentas para conduzir as discussões que surgem na sala de aula de forma eficaz, nas quais os alunos se sintam ouvidos e respeitados. Uma ferramenta chave e importantíssima na hora da abordagem dos assuntos preestabelecidos, é a comunicação, sobretudo, uma comunicação adequada e respeitosa e  a Comunicação Não Violenta (CNV) se enquadra perfeitamente nesse movimento.

A Comunicação Não Violenta foi criada por Marshall Rosenberg nos anos 60. A mesma é pautada na ética e compaixão com o próximo de forma a evitar julgamentos e se ater apenas às observações ao que acontece de fato, sem criticar ou acusar o indivíduo, sem estigmatizar e usar a empatia como ferramenta para não praticar a violência e consequentemente evitar os possíveis traumas que possam ser causados.

Segundo Rosenberg (2021, p. 19):

“A CNV baseia-se em habilidades de linguagem e  comunicação que fortalecem nossa capacidade de manter a humanidade, mesmo em condições adversas. Ela não tem nada de novo: tudo que compões a CNV já era conhecida havia séculos. O objetivo é lembrar o que já sabemos - como nós, humanos, deveríamos relacionar-nos - e nos levar a viver de modo que esse conhecimento se manifeste concretamente.”

Entendido a definição do que é a CNV, como observei em meus estágios em instituições públicas , muitos dos docentes não a exercem durante sua jornada na educação, muitas vezes por falta de conhecimento, daí a importância de disseminar o tema deste artigo. Em muitos momentos a comunicação não é assertiva, é violenta , baseada em gritos, estresse, algumas vezes em tom ameaçador e punitivo. Podemos perceber o descontrole emocional que muitas vezes se justificam nas condições de trabalho que não facilitam a tranquilidade do professor e no comportamento do aluno.

Garcia (1999,p. 104) entende que: :

“causas encontradas no interior da escola, por sua vez, incluem o ambiente escolar e as condições de ensino- aprendizagem, os modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptar aos esquemas da escola. Assim, na própria relação entre professores e alunos habitam motivos para a indisciplina, e as formas de intervenção disciplinar que os professores praticam podem reforçar ou mesmo gerar modos de indisciplina.”

No ambiente escolar o corpo docente deve manter com os discentes uma abordagem respeitosa e adequada durante a comunicação como citado anteriormente. Durante minhas observações nos estágios realizados nas escolas públicas, nos segmentos de Educação Infantil e Ensino Fundamental, percebi em muitos momentos, quase que diariamente, uma certa violência  na comunicação dos professores dos respectivos segmentos e entre os alunos do Ensino Fundamental. Violência que ao mínimo de descuido do professor, chegaria às vias de fato. Podemos perceber em alguns professores a falta de atualização nos termos utilizados e no trato com as crianças, ainda que muitas informações estejam amplamente divulgadas em todo tipo de mídia, preferindo manter-se na inércia. Outra perspectiva interessante que observei, é que uma parte dos alunos tem uma grande tendência a ficar na defensiva em todos os momentos, ainda que não estivessem sendo atacados. Mediante tais comportamentos, é perceptível que os mesmos são frutos de suas bagagens e vivências que os violentaram e traumatizaram fora da escola.

Garcia (1999,p. 104) entende que: :

“Tomar consciência, estar presente e cultivar o âmbito da compaixão, remete a esta conexão com valores os mais importantes de nossa vida social e da nossa natureza ontológica, relacional. Pontualmente, se olho o outro pelo ângulo da vulnerabilidade em comum, por mais que ele exiba força e violência, consigo ter uma compreensão mais profunda das conexões, bem como tomar posição mais assertiva nos conflitos.”

Como mãe de aluna da escola pública que está iniciando o ensino fundamental, a violência também atravessa minha jornada. Minha filha e outros alunos estão sofrendo violência em sala e são agredidos quase diariamente. Tudo isso gerou uma comoção dos responsáveis que cobraram um posicionamento da escola e dos pais dos alunos que agridem. Todos os relatos acima, me levam a refletir sobre as vivências das crianças e questionar o que pode estar levando a tais comportamentos. E levando para um outro nível, como nós educadores podemos no ambiente escolar, ajudar esses alunos e reduzir a violência nesses espaços que deveriam ser de paz e segurança?

É sabido por todos que a violência é um problema social e que atinge as classes mais baixas, logo, como a escola é o espelho da sociedade e não o contrário, quanto mais próximas de comunidades as escolas estiverem, mais podemos perceber a violência dentro delas. Dito isto, o educador tem como função educar para a paz e através do exemplo, tentar mudar este cenário e a Comunicação Não Violenta é um recurso que viabiliza tal objetivo.

A CNV é um tipo de comunicação que envolve compaixão, autoconhecimento e inteligência emocional, que é um fator primordial no combate à violência. Se partirmos do pressuposto  que os alunos da rede pública  são, em sua maioria, afetados pela violência em diferentes contextos dentro e fora da escola, é de suma importância a promoção do diálogo e o incentivo às expressões de suas emoções. Os métodos relacionados possibilitam  inteligência emocional e certamente resultarão na diminuição da violência nas escolas.

Complementando, Pelizzoli (2012) conclui:

“A filosofia da não-violência tem, portanto, um sentido realista, e não pede necessariamente que nos amemos, mas que evitemos algo que sempre tememos e queremos evitar: a violência, a violação de outrem, a qual, em geral, reverbera pelo tempo e pelo espaço familiar e social. O desafio é o como fazer isto.”

 Mas e quando o agente causador da violência é o professor?

Mediante aos fatos, o docente por sua vez deve comprometer-se em buscar informação e tentar incorporar no seu cotidiano medidas mais assertivas de comunicação, buscando exercitar a compaixão focando em, ao invés de ser o causador, ser  o facilitador na resolução dos conflitos, realizando uma escuta ativa e empática, melhorando assim não só a comunicação entre os envolvidos, mas a construção do conhecimento no ambiente escolar, possibilitando seu desenvolvimento também fora dele.

Conclusão

O presente resumo retrata a violência nas escolas da rede pública e como essa violência é cometida não só pelos discentes, mas também pelos docentes que muitas vezes reativos as atitudes de seus alunos, acabam reproduzindo tais comportamentos. Logo, percebemos a necessidade de quebrar este ciclo, não apenas informando docentes e discentes, mas promover a conscientização de forma que todos internalizem os ensinamentos e, como consequência tenhamos a incorporação de atitudes que vão se tornando uma expressão natural do indivíduo. Quando tais atitudes forem tomadas sem que seja necessário pensar para agir de forma mais compassiva, ainda que as condições sejam adversas, será comprovada a internalização do conceito pelo indivíduo.

Referências:

PELIZOLLI, Marcelo L.. Introdução à Comunicação Não Violenta (CNV) - reflexões sobre fundamentos e método. Artigo Publicado em Pelizzoli, M.L. (org.) Diálogo, mediação e cultura de paz. Recife: Ed. da UFPE, 2012.

ROSENBERG, Marshall B. Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais. 5. edição. São paulo, Ágora 2021. 280 p.

GARCIA, Joe. Indisciplina na Escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. R.

Paran. Desenv., Curitiba, n. 95, p. 101-108, jan./abr. 1999. Disponível em: <http//www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/275>. Acesso em: 29 de maio de 2024.

FERREIRA, Luciana de Lima Oliveira. O uso da comunicação não violenta como possibilidade de intervenção nas relações interpessoais entre os estudantes. Belo Horizonte, 2019.